

Espaços e Paisagens

*Antiguidade Clássica
e Heranças Contemporâneas*

Vol. III

**Francisco Oliveira, Jorge Oliveira
e Manuel Patrício**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

A QUE PASSADO REGRESSAR? RECONFIGURAR E RENOMEAR O URBANISMO EM ROMA NA ÉPOCA DE SEVERO ALEXANDRE: O CASO DO PALATINO

RODRIGO FURTADO
Universidade de Lisboa

Abstract

We know that Severus Alexander's reign was certainly the last notable moment for imperial shaping of Roman topography, before Aurelian's and the Tetrarchs' labours at the end of the IIIrd century. The restoration of the *theatrum Marcelli*, or the new name given to the *stadium Domitiani* or to the *thermae Neronianae* are some relevant examples of Alexander's urban plans. However, in observing the impact of Alexander's labours in Rome, we discern that they often had focused in central areas of major ideological significance. In this paper I try to focus my analysis on Alexander's intervention in the Palatine, essaying to reveal its political and ideological pattern.

Keywords: Palatine, *Princeps*, Severi, Severus Alexander.

Palavras-chave: Palatino, *Princeps*, Severo Alexandre, Severos.

Roma. 11 de Março de 222 d.C. A cidade vive dias agitados. O imperador Heliogábalo acaba de ser assassinado nos *Castra Praetoriana* do alto do Viminal. Em seu lugar, os guardas proclamam o seu jovem primo, de treze anos, Severo Alexandre (Herod. 5.8.6-8, Dio 80.20.1-2, *SHA Elag.* 16.5-17.1). Desde a morte de Septímio Severo há onze anos, sucederam-se já cinco *Augusti*. Todos foram assassinados. Comparada com esta, a época dos não muito longínquos Antoninos deve parecer uma espécie de oásis: entre 96 e 192 tinham-se sucedido sete imperadores; destes, apenas Cómodo fora assassinado.

Desejoso de se filiar nestes tempos de prosperidade, depois dos conturbados momentos a seguir ao assassinio de Cómodo, já Septímio Severo havia percebido as potencialidades ideológicas dos Antoninos: declarara-se filho do divino Marco Aurélio e as epígrafes passaram a anunciar que ele seria afinal neto do *pius* Antonino, bisneto de Adriano e trineto de Trajano¹. O seu filho, Caracala, virá a assumir o nome do seu «novo» avô, Marco Aurélio Antonino². Mais tarde Heliogábalo fará o mesmo: será o terceiro Marco Aurélio Antonino³. Contudo, o contraste entre os *graves* Antoninos, respeitadores do senado, amigos do Pretório e queridos pela plebe urbana, e

¹ Dio 75.7.4, 76.9.4, *SHA Seu.* 10.6. Cf. *BMC* 5.91, 140ff., *RIC* 4.1.99, n°65.

² Herod. 3.10.5, *SHA Seu.* 10.6.

³ Heliogábalo assume o nome de Caracala, declarando-se *a posteriori* seu filho. Antes, Heliogábalo chamava-se Vário Avito Bassiano. Cf. Herod. 5.3.10, Dio 79.31.3, *SHA Elag.* 2.1.

este último príncipe de origem síria deve ter parecido flagrante⁴. Uma política religiosa rápida e inábil, acusada pelos adversários de querer afrontar os *mores* da cidade, acabou por o perder. Os pretorianos tomarão a iniciativa de se desembaraçar de um príncipe pouco prudente. Ao que parece o seu primo, Severo Alexandre, tinha alguma popularidade: era menos exuberante que o Augusto e parecia menos provocador do que ele. O senado apreciava a sua modéstia e não é improvável que anteviesse as possibilidades de maior intervenção no governo do Império. A esta juventude acrescentava-se ainda a franca antipatia que Heliogábalo começara a nutrir por ele (Dio 80.19.2-3, *SHA Elag.* 13.6-15.4). Mas Heliogábalo não foi suficientemente rápido. Antes que ele o matasse, lincharam-no os pretorianos, e aclamaram imperador Severo Alexandre (Herod. 5.8.6-8, Dio 80.20.1-2, *SHA Elag.* 16.5-17.1).

Muito mais hábil que Heliogábalo, pelo menos no contexto do seu assassinio, foi a sua já pequena família (reduzida ao novo príncipe, à mãe deste e à avó, também avó do defunto imperador), com origem na cidade síria de Émesa: é que, surpreendentemente, com o assassinio de Heliogábalo, a família imperial conseguiu não ser arrastada na sua queda; de resto, nem parece ter posto a hipótese de se ver afastada do poder; nem que para isso toda a memória de convivência com Heliogábalo tivesse de ser eliminada; nem que isso significasse em Roma a supressão de todos os sinais de Émesa, para que a dinastia com origem nessa cidade continuasse no poder. Como se Severo Alexandre não fosse primo de Heliogábalo, não tivesse sido César durante o seu principado e não tivesse sido também sacerdote do deus emesiano, Elagábalo⁵ (Herod. 5.3.2-5).

Também merece reparo a reacção senatorial: confere rapidamente a Severo Alexandre todos os títulos imperiais e ordena a *damnatio memoriae* de Heliogábalo com o apagamento de documentos e epígrafes do *nomen* ‘Antonino’ que ele havia assumido (*SHA Elag.* 17.4; *Alex.* 1.1-2). Ora, ao apagar-se apenas ‘Antonino’ do nome de Heliogábalo, não se estava a negar que o imperador o tivesse utilizado, mas a condenar publicamente a sua utilização⁶. Não é, certamente, por acaso que a *Vita Alexandri* apresenta um longo diálogo entre Severo Alexandre e o senado em torno deste *nomen* (*SHA Alex.* 7-10). Segundo este texto, o senado quis concedê-lo ao novo príncipe. Contudo, Severo Alexandre, em gesto significativo, recusa-o, por se julgar indigno dele. Mas a oferta, nem que seja meramente retórica, é verosímil. Ela constitui medida simétrica da *damnatio* de Heliogábalo: o que se retirava ao imperador assassinado, era oferecido ao novo. Na óptica senatorial, que

⁴ Cf. R. Furtado 2008.

⁵ *Elagabalos* é o nome da divindade síria de quem o imperador era devoto. Nenhuma das fontes contemporâneas refere o Príncipe com este nome e não há notícia de que ele o tenha realmente assumido. Em latim, a *Vita Heliogabali* da *Historia Augusta* refere-o como *Heliogabalus*, o que é uma óbvia corruptela do nome da divindade. Uma vez que divindade e Imperador têm tradicionalmente o mesmo nome, apenas por uma questão de clareza optei por utilizar em português sempre Elagábalo para referir o deus e Heliogábalo, para o príncipe.

⁶ Para uma boa análise sobre a *damnatio memoriae* em Roma, veja-se C. W. Hedrick Jr. 2000 89-126.

apaga um nome para o propor a um novo indivíduo, era todo um modelo que se queria projectar sobre o imperador: como um novo Antonino, Severo Alexandre deveria encontrar nos imperadores «seus antepassados» o exemplo a seguir.

Por isso mesmo, enquanto se martelava o nome do ex-imperador, ou até já antes, nos últimos meses do principado deste (Herod. 5.8.2, Dio 80.19.1, *SHA Elag.* 13.3), começara a construir-se à volta de Severo Alexandre uma outra imagem tópica, que mais do que procurar esquecer a de Heliogábalo, intentava estar nos seus antípodas. A mãe de Severo Alexandre, Júlia Mamaia, fora das primeiras a compreender a necessidade de uma «nova imagem» para o próprio filho. As fontes contam-nos que ela confiara a sua educação a homens de ‘romanidade’ insuspeita (*SHA Alex.* 3), compreendendo que continuava a marcar pontos o modelo imperial que assumia o imperador como uma espécie de *primus inter pares* no senado e na Urbe. E as fontes garantem-nos topicamente isso mesmo: ao vestuário excêntrico de Heliogábalo opor-se-ia agora a sobriedade da veste branca, não dourada, e as togas banais⁷. Socialmente, a *philanthropia* e a clemência sobrepor-se-iam à etiqueta distanciadora de Heliogábalo⁸. À anterior extravagância dos banquetes dizia-se ter sucedido a simplicidade⁹. As fontes garantem que ele teria afastado o *entourage* de Heliogábalo (Herod. 6.1.5, *SHA Alex.* 15.1-2, 34.2-4) e os eunucos¹⁰, o que, mesmo não sendo verdade, deve ter representado um motivo ideológico do novo principado. Contudo, vai ser no espaço público da cidade, que, tal como na *damnatio memoriae* de Heliogábalo, vamos encontrar os sinais mais evidentes desta construção de uma nova imagem.

É sabido que o principado de Severo Alexandre foi o último momento notável de intervenção imperial no espaço da *Vrbs*, antes das reformas urbanísticas motivadas pelo levantamento da muralha de Aureliano e, mais tarde, das extensas construções dos tetrarcas, no final do século III. A *Historia Augusta* mostra interesse pelas construções e intervenções urbanas de Severo Alexandre, mais do que pelas de qualquer outro príncipe. Apenas com base na *Vita Alexandri* é possível elencar pelo menos dezanove intervenções¹¹, às quais

⁷ *SHA Alex.* 4.2, 33.3-4; 34.5; 40.1, 3, 5-11.

⁸ Herod. 6.1.6, *SHA Alex.* 4.3. *SHA Alex.* 18.3 parece supor que etiqueta de corte da época de Heliogábalo seria inspirada pelo costume persa. Sendo possível, é bem mais provável que o autor esteja a projectar para o século III um dado que remetia para o século IV.

⁹ *SHA Alex.* 34.1, 6-8.

¹⁰ *SHA Alex.* 45.4-5.

¹¹ a) *SHA Alex.* 22.4: construção de *opera mechanica*;
 b) *SHA Alex.* 24.3: restauro do teatro [de Marcelo];
 c) *SHA Alex.* 24.3: restauro do circo [máximo];
 d) *SHA Alex.* 24.3: restauro do anfiteatro [flávio];
 e) *SHA Alex.* 24.3: restauro do estádio [de Domiciano];
 f) *SHA Alex.* 25.3: remodelação das termas de Nero, chamadas a partir de então *alexandrianae*;
 g) *SHA Alex.* 25.4: construção de um aqueduto (*aqua alexandriana*);
 h) *SHA Alex.* 25.4: construção de um pórtico nas termas de Caracala;
 i) *SHA Alex.* 25.7: pavimentação no Palatino com dois tipos de mármore (*opus*

se podem acrescentar pelo menos mais oito, não atestadas literariamente, mas para as quais a arqueologia nos fornece informação¹².

Obviamente estará muito além deste texto uma análise actualizada de todas as evidências que possuímos acerca de cada uma destas intervenções. De qualquer modo, mesmo partindo do princípio de que algumas das construções referidas pela tardia *Historia Augusta* não estão confirmadas pela arqueologia ou de que, para o último grupo, restam dúvidas sobre a época das obras, não deixa de ser impressionante a extensão das intervenções atribuídas a Severo Alexandre apenas na cidade de Roma, sem paralelo de facto entre os seus antecessores e sucessores imediatos¹³.

Há um primeiro aspecto que se evidencia, de resto já anotado por F. Coarelli¹⁴: a importância de construções e restauros relacionados com termas, com o abastecimento e armazenamento de bens ou com edifícios para espectáculos, num total de onze estruturas¹⁵. A principal beneficiária deveria ser a plebe urbana, em época particularmente agitada. É possível que quem rodeava o príncipe percebesse a necessidade de conquistar a população: o restauro de todos os principais locais de espectáculo mostra bem o esforço do príncipe em granjear o apoio dos habitantes de Roma.

Há, no entanto, um conjunto de construções que merece uma análise mais atenta, pelo que mostra acerca da ideologia dominante na corte de Severo

Alexandrinum);

j) *SHA Alex.* 26.4: colocação de estátuas no foro de Trajano;

k) *SHA Alex.* 26.7: início da construção da basílica alexandrina;

l) *SHA Alex.* 26.8: ornamentação de um Iseu e Serápio;

m) *SHA Alex.* 26.9: construção dos aposentos de Júlia Mameia;

n) *SHA Alex.* 26.11: restauro e construção de pontes;

o) *SHA Alex.* 28.6: colocação de estátuas colossais de imperadores no foro de Nerva;

p) *SHA Alex.* 39.3: construção de armazéns públicos em todas as regiões de Roma;

q) *SHA Alex.* 39.3-4: construção de termas nas regiões de Roma que ainda não as tinham;

r) *SHA Alex.* 39.5: construção de casas (*domi*) para privados considerados merecedores;

¹² s) construção/dedicação de um templo de Júpiter Resgatador nos *Castra Peregrina*;

t) construção/dedicação de um templo de *Dea Syria* na margem direita do Tibre;

u) construção/dedicação de um templo de Júpiter Vingador;

v) restauro do templo de Vesta;

w) reconstrução de altares *compitales*, dedicados aos *Lares*;

x) início da construção do Sessório;

y) restauro do *Vmbelicus mundi*;

z) construções na *domus Laterani*.

¹³ Os melhores estudos de conjunto sobre a actividade urbanística de Severo Alexandre em Roma são os de H. G. Ramsay 1935 e 1936; de H. W. Benario 1956 720-722; e de F. Coarelli 1987.

¹⁴ F. Coarelli 1987 431, 432-433.

¹⁵ As estruturas que assinala com as letras a; b; c; d; e; f; g; h; n; p; q.

Alexandre. Refiro-me ao programa de construções levado a cabo nesta época, sobretudo no Palatino.

De facto, o Palatino constituía a colina onde, segundo a tradição, Rómulo teria fundado a *Vrbs*. Aí se localizava o Lupercal, a *Casa de Rómulo* e os palácios que os vários imperadores aí foram construindo e reconstruindo, desde Augusto. O último a ter fixado residência na colina tinha sido o antecessor de Severo Alexandre, e é provável que a família imperial com ele. Aí também¹⁶ teria Heliogábalo dedicado um templo ao deus sírio, Elagábalo, e instalado a pedra que mandara vir directamente do templo da longínqua Émesa, e que representava o próprio deus¹⁷. Não está isenta de controvérsia a localização exacta deste *Elagabalium*¹⁸. De qualquer modo, desde P. Bigot¹⁹, tem-se situado este templo no terraço da Igreja de S. Sebastiano al Palatino. O argumento de Bigot baseia-se num medalhão de bronze de Heliogábalo²⁰ e num sestércio de Severo Alexandre²¹. Ambos mostram a representação de um templo com características muito próximas. Contudo, há diferenças que já foram notadas por Bigot. É que o templo representado no medalhão de Heliogábalo contém a pedra cónica de Elagábalo. Por isso, Bigot concluiu dever tratar-se de uma representação do *Elagabalium*. Na moeda de Alexandre, ao invés da pedra, surge uma personagem masculina com a legenda ‘Júpiter Vingador’. Podem obviamente ser dois templos distintos, embora com características próximas. Além disso, as moedas não têm de representar necessariamente a realidade de forma «realista». Mas Bigot propõe uma melhor resolução para esta contradição, baseado no provável reenvio da pedra de Elagábalo para a Síria (pelo menos deixamos de ter notícia dela em Roma), na ausência de qualquer notícia da permanência do templo do deus sírio no Palatino e no silêncio de todas as fontes quanto a uma eventual destruição física do templo de Elagábalo nesta colina. Sendo assim, segundo Bigot, em ambas as espécies monetárias estaria de facto representado o mesmo templo, embora rededicado a Júpiter Vingador por Severo Alexandre. Após a morte de Heliogábalo, o seu sucessor teria mantido a estrutura do templo, mas tê-lo-ia dedicado a uma nova divindade. Contudo, é possível ir um pouco mais longe do que Bigot.

Segundo Jerónimo, Heliogábalo tinha instalado o seu deus no Palatino logo em 220, apenas um ano após a sua chegada a Roma. Devo dizer que um ano me parece pouco tempo para a construção de uma estrutura como

¹⁶ *SHA Elag.* 3.4, Herod. 5.5.8-10, Aur. Vict. 23.1.

¹⁷ “Não havia qualquer estátua do deus feita pelos homens, como os Gregos e Romanos costumam fazer, mas havia uma enorme pedra, arredondada na base, a terminar em bico no cimo, de forma cónica, e preta. Esta pedra é cultuada como se tivesse sido enviada do céu” (Herod. 5.3.5). Cf. também Herod. 5.5.3-7

¹⁸ Cf. R. Furtado 2008 193-194.

¹⁹ P. Bigot 1911: 80-85. Este autor propôs identificar o templo de Júpiter *Victor* referido na *Notitia Vrbs Romae* com o templo de Júpiter *Vltor* da moeda de Severo Alexandre e com o *Elagabalium* do medalhão de Heliogábalo. Cf. também G. Lugli 1960 199, n° 440; F. P. Rosati 1955 e E. Nash 1968 537-41.

²⁰ F. Gneccchi 1912, 3° vol: 41, n° 6, pl. 152, n° 11.

²¹ *RIC Alex.* 146.

a que se adivinha no terraço de San Sebastiano: um templo períptero com fachada hexastila e uma esplanada porticada, interrompida por uma colunata encimada por estátuas²². E naturalmente não sou o primeiro a ter esta dúvida. Desde pelo menos Domaszewski que se duvida que o terraço de S. Sebastiano tivesse estado desocupado até ao século III²³. Sendo assim, porque o tempo foi curto e porque o Palatino deveria estar já, no início do século III, sobrelotado em termos urbanísticos, parece-me seguro que Heliogábalo tenha decidido adaptar um outro edifício pré-existente para instalar o seu *Elagabalium*. Ora, F. Castagnoli defendeu que no espaço de S. Sebastiano teria havido um templo de Júpiter Vencedor. F. Chausson sugere antes um templo de Júpiter Vingador, precisamente a epiclese da divindade que aparece mais tarde nas moedas de Severo Alexandre²⁴. Se estes autores tiverem razão, Heliogábalo teria começado por desalojar Júpiter. Se juntarmos esta hipótese à de Bigot, elas fazem sentido: Heliogábalo desaloja Júpiter para instalar o seu deus sírio; mais tarde, Severo Alexandre teria feito o mesmo a este, para reinstalar Júpiter. Não sabemos quando, mas a pedra de Elagábalo deve ter sido reenviada para Émesa e as moedas de Severo Alexandre (depois de Bigot já se encontraram novos exemplos) começam em 224/5 a mostrar um templo de Júpiter Vingador, que não aparecia antes²⁵.

Será preciso avançar até ao século IV para poder compreender melhor o que se terá passado. No *Cronógrafo de 354*, no «Calendário de Filócalo», um extraordinário calendário ilustrado oferecido no século IV a um aristocrata cristão, para o dia 13 de Março encontra-se a referência *Ioui Cultori*²⁶. Esta epiclese de Júpiter é, tanto quanto sei, muito rara, o que, só por si, causa alguma estranheza num calendário da qualidade deste. Mas há um segundo problema: como os dias dedicados a Júpiter eram os idos de cada mês (e os idos de Março calham a 15, como é sobejamente sabido), então esta estranha festa de Júpiter de dia 13 deve estar relacionada com um acontecimento extraordinário e não com uma festividade ordinária. Ora, julgo que uma observação ao fragmentário *feriale Duranum*²⁷, do próprio século III, permite esclarecer estes dois problemas do *Cronógrafo*: segundo o *feriale Duranum*, sem referir no entanto a festa em honra de Júpiter, o dia 13 de Março é o *dies imperii* de Severo Alexandre. Ou seja, duas fontes independentes atribuem ao mesmo dia dois acontecimentos diferentes: o dia em que Severo Alexandre deve ter sido reconhecido como imperador em Roma é também dia de uma festa dedicada a Júpiter *Cultor*. Já Coarelli concluiu que ‘non é possibile pensare a una

²² Veja-se R. Turcan 1985 121 e F. Chausson 1995 738.

²³ Platner-Ashby 1929 199.

²⁴ F. Castagnoli 1979 740-743. E. Rodriguez-Almeida 1981 48-53 identifica o espaço onde se instalará o *Elagabalium* com os *Adonaea*.

²⁵ Outras moedas há da época de Severo Alexandre que mostram a mesma legenda, mas desta vez com a representação da divindade, sentada, com uma lança e a vitória (*RIC Alex.* 142 *aureus*, 143, 144, 145) ou com um ceptro nas mãos (*RIC Alex.* 560).

²⁶ Th. Mommsen 1893. O estudo mais recente deste documento é o de M. R. Salzman 1991.

²⁷ R. O. Fink, A. S. Hoey, W. F. Snyder 1940, H. W. Benario 1962.

coincidência²⁸. Uma observação ao aparato crítico estabelecido por Mommsen para o “Calendário de Filócalo” permite ir ainda mais longe: já há mais de cem anos, este investigador alemão propôs que a epiclese *Iuppiter Cultor* fosse um mero erro de transmissão manuscrita e que, na realidade, *Cultor* deveria constituir uma má leitura copista de *Vltor*! Se assim for, e se Mommsen tiver razão, no dia da subida ao poder de Severo Alexandre festejar-se-ia (sem que saibamos a partir de quando) ou ter-se-ia começado a festejar uma festa em honra de *Iuppiter Vltor*. Recapitulemos: é provável que o *Elagabalium* tenha substituído um templo de Júpiter; é praticamente seguro que depois, na época de Severo Alexandre, este templo tenha sido rededicado a Júpiter Vingador; o imperador é aclamado a 13 de Março, no mesmo dia em que temos a notícia de uma festa em honra de Júpiter, que já Mommsen propõe ser honrado com o título *Vltor*. Seja porque a festa deste Júpiter Vingador já existia em Roma no dia 13 de Março, o próprio *dies imperii* do imperador, até talvez centrada no templo de S. Sebastiano, seja porque Severo Alexandre instituiu esta festa para comemorar a sua subida ao poder, parece facto assegurado a relação entre o *dies imperii* do príncipe e o deus Júpiter.

Vai no mesmo sentido o templo de *Iuppiter Redux* nos *Castra Peregrina* com dedicatória ao novo imperador e à mãe²⁹. Com um templo dedicado ao pouco habitual Júpiter «Resgatador», é como se os soldados se estivessem a assumir como instrumento da divindade no resgate do império, do novo príncipe e de sua mãe. De facto, a presença destes na epígrafe constitui sinal da relação entre a ‘nova’ família real e o Júpiter Resgatador, como se, por intermédio da divindade, o príncipe e a mãe tivessem sido resgatados da perfídia do anterior imperador. De resto, o resgate do império e do próprio imperador ter-se-ia feito precisamente nos *Castra* (embora não nos *Peregrina*, mas nos *Praetoriana*), onde Heliogábalo fora assassinado. Prova desta relação especial entre a família resgatada e o mundo militar encontra-se em pelo menos mais uma epígrafe deste *castra*, com uma dedicatória à mãe do imperador³⁰.

Com o assassinio de Heliogábalo Severo Alexandre poderia ter mantido pelo menos um culto mais *soft* de Elagábalo no Palatino. Mas não. O corte com o principado anterior tinha de parecer radical. Deixamos de ter notícia da pedra de Elagábalo e não consta que Severo Alexandre tenha voltado a prestar culto ao seu deus familiar. Mas não bastava isso. Era necessário mostrar aos habitantes da *Vrbs* que o novo príncipe iria ser afinal diferente do anterior. Nesse sentido, há que admitir que qualquer deus tradicional poderia ter sido eleito pelo príncipe para afirmar uma «nova imagem». Mas não foi eleita uma divindade qualquer. Foi logo escolhido o deus principal do panteão, aquele que Heliogábalo fora acusado de ter afrontado, até talvez o deus que ele começara

²⁸ F. Coarelli 1987 438.

²⁹ CIL 6.428. Cf. Platner-Asby 1929, *s.u.* ‘Jupiter Redux’: 105-6 e H. G. Ramsay 1936 170-171. O dedicante foi um *centurio frumentarius*.

³⁰ CIL 14.7. A VII coorte dos *uigiles* assume o nome do próprio imperador e de sua mãe, como também notou F. Coarelli, numa óbvia declaração de apoio e fidelidade à pequena família imperial: cf. CIL 6.3008.

por desalojar no Palatino. Acontece o mesmo no templo dos *Castra Peregrina*, onde a epiclesse de Júpiter preside a esses novos tempos, em associação com o imperador e a mãe. De algum modo, é como se o principado de Severo Alexandre se tivesse colocado sob a protecção de Júpiter, cujas epicleses, Vingador e Resgatador, ditavam agora todo um programa, já vislumbrado na *damnatio memoriae* de Heliogábalo. Na eleição de Júpiter residia a derrota de Elagábalo, daí o regresso deste a Émesa. Na vitória de Júpiter, estava também simbolizada a derrota da imprudente política religiosa de Heliogábalo, que procurara identificar Elagábalo e Júpiter e, possivelmente, actualizar a Tríade Capitolina, no templo do Palatino³¹. A vitória de Júpiter sobre Elagábalo, mais do que a vitória de uma tradição religiosa, significava metaforicamente a vitória dos *mores* e do senado, simbolizados no deus tradicional da Urbe.

Ainda no Palatino, a *Historiae Augusta* assegura que Severo Alexandre terá mandado construir um pavimento com dois tipos de mármore, lacedemónio (hoje chamado *serpentino*) e porfírio (vermelho; trazido do Egipto). P. Gros, em artigo sobre estas *plateae antoniniana*e, considera que não há razão para duvidar de tais notícias, uma vez que não se vislumbrariam razões para uma invenção deste tipo por parte do autor desta *Vita*, que escreve já no século IV³². Ele aceita assim a notícia como verdadeira e localiza este pavimento de luxo nas alas que ladeariam o templo do terraço de San Sebastiano. Embora a arqueologia não confirme explicitamente esta hipótese, ela parece pelo menos admitir que este terraço terá sofrido modificações na época dos Severos. De resto, como vimos, este terraço deve de facto ter sido alvo de intervenções na época quer de Heliogábalo quer de Severo Alexandre, o que torna verosímil a interpretação. Há contudo um problema.

A *Vita Alexandri* afirma que Severo Alexandre teria sido o primeiro a utilizar tal tipo pavimento. Ora, quem conhece a *Vita Heliogabali* reconhece esta mesma notícia, mas já neste texto, com uma formulação muito próxima da que é possível ler na *Vita Alexandri* (*SHA Heliog.* 24.6). Em ambos os casos, as *plateae* são do mesmo material e situam-se no mesmo local. Com base nisto, F. Chausson discorda de Gros e defende ser esta notícia uma criação do autor das *Vitae*, para contrastar os seus tempos, que assistiriam à delapidação e decadência de Roma, com os áureos e luxuosos tempos da Urbe pagã³³.

É óbvio que Severo Alexandre não poderá ter sido o primeiro a utilizar este *opus alexandrinum*, se o seu antecessor já o tiver feito. Tanto quanto sei, os dados arqueológicos não permitem datar com precisão eventuais intervenções severianas no terraço de San Sebastiano. Embora o cepticismo de F. Chausson seja aceitável e a sua proposta verosímil, não deixa de ser estranho que precisamente a mesma informação seja repetida em duas *Vitae* seguidas. A ser pura invenção, não vislumbro bem por que razão se criaria a mesmíssima notícia, para dois imperadores sucessivos, para o mesmo local, com os mesmos pormenores. Parece-me mais provável que o autor das *Vitae* soubesse

³¹ R. Furtado 2008 200-202.

³² P. Gros 1986.

³³ F. Chausson 1995 756-62.

da existência de uma pavimentação luxuosa do Palatino no final da época severiana, mas desconhecesse qual dos imperadores teria sido responsável por ela. Julgo possível, e é essa a minha hipótese, que Heliogábalo tenha começado esse processo de pavimentação do terraço do templo de Elagábalo, mas que tenha cabido a Severo Alexandre concluí-lo³⁴.

O Palatino é, de facto, espaço de intervenções urbanas nos principados de Heliogábalo e de Severo Alexandre. Para a época de Severo Alexandre há ainda a assinalar a construção das *diaetae* de Mameia, confirmadas por Aurélio Victor³⁵, ou, segundo Coarelli, o restauro do *mundus*, estrutura subterrânea que assinalaria o centro da cidade de Rómulo³⁶. A confirmar-se esta proposta, esta última intervenção mostraria de novo a intervenção no centro ideológico da Urbe, em linha com o restauro das tradições romanas, e em ruptura com a perspectiva orientalizante atribuída a Heliogábalo.

De qualquer modo parece evidente que a recusa explícita do exemplo de Heliogábalo não implicou da parte de Severo Alexandre o abandono do Palatino, onde o antecessor se havia instalado. A colina era demasiado tradicional e preñe de simbolismo para que fosse descartável. Contudo, a permanência no Palatino obrigou a eliminar os sinais da presença de Heliogábalo e a induzir uma espécie de regresso ao passado na simbologia do poder. De resto, o Palatino é apenas uma das regiões de Roma onde Severo Alexandre interveio. A esta colina, poder-se-iam acrescentar pelo menos o Campo de Marte e a área dos *fora* imperiais, onde a opção ideológica de Severo Alexandre, sobretudo na eleição de modelos ideológicos a seguir, se torna ainda mais evidente. O Palatino constitui, no entanto, espaço de eleição para avaliar a política ideológica de Severo Alexandre. A (re)eleição de Júpiter no Palatino, numa interpretação que procura dar sentido aos vestígios arqueológicos e às informações que as fontes nos proporcionam, permite confirmar como o principado de Severo Alexandre se constrói sobre o signo da ruptura com o passado.

Não posso deixar de notar que, pela segunda vez na história de Roma (a primeira teria sido com a sucessão Calígula / Cláudio), um imperador é assassinado, sem se verificar uma ruptura dinástica. Mas, desta feita, apesar da ausência desta, verifica-se ainda assim um outro tipo de ruptura. Severo Alexandre encena-a em si mesmo (na imagem que ele procura propagandear) e no espaço. Concretamente em Roma, essa transformação do espaço levou à eliminação explícita da presença de Heliogábalo, através de uma espécie de nova *damnatio memoriae*, ainda mais visível e significativa: havia que eliminar os edifícios deste imperador na cidade e mostrar, pela substituição e pela garantia da vitória de Júpiter sobre Elagábalo, que novos tempos haviam

³⁴ M. Royo 2001/4 65, n. 133, considera possível a “anticipation monumentale du palais par ce type d’espaces, qu’ils aient été réalisés ou seulement envisagés”. Cf. também G. Lugli 1960 200, n° 448, 202, n° 460.

³⁵ Aur. Vict. 24.5. Cf. H. G. Ramsay 1936 163-167, G. Lugli 1960 202, n° 461, L. Richardson 1992, s.u. ‘Dietae Mammeae’ 117.

³⁶ F. Coarelli 1987 443.

chegado. Uma vez mais é o regresso ao passado que se procurava garantir. Ideologicamente.

Bibilografia

- H. W. Benario (1956), “Rome of the Severi”, *Latomus* 17 712-722.
- H. W. Benario (1962), “The Date of the *Feriale Duranum*”, *Historia* 11 192-196.
- P. Bigot (1911), “Le temple de Jupiter Vltor et la Vigna Barberini”, *Bullettino della Commissione archeologica comunale di Roma*, 80-85.
- A. Cassatela, I. Iacopi (1991), “Il *balneum* presso le *scalae Caci* sul Palatino”, in M. Lenoir, ed., *Les thermes romains*. Rome, 129-138.
- F. Castagnoli (1979), “Su alcuni problemi topografici del Palatino”, *Rendiconti della Classe di scienze morali, storiche e filologiche dell'Accademia dei Lincei*, 331-347.
- F. Chausson (1995), “*Vel Ioui uel Soli*: quatre études autour de la Vigna Barberini (191-354)”, *Mélanges de l'École Française de Rome* 107 661-765.
- F. Chausson (1997), “Le site de la Vigna Barberini de 191 à 455”, *La Vigna Barberini, I, Histoire d'un site, étude des sources et de la topographie*. Rome, 31-85.
- F. Coarelli (1987), “La situazione edilizia di Roma sotto Severo Alexandro” in *L'Urbs: espace urbain et histoire (Ier siècle av. J.-C.- IIIe siècle ap. J.-C.)*. Actes du colloque international (Rome, 8-12 mai 1985). Rome, 429-456.
- R. O. Fink, A. S. Hoey, W. F. Snyder (1940), “The *Feriale Duranum*”, *YCS* 7 1-222.
- R. Furtado (2008), “«Vinho novo em velhos odres»? Porque foi assassinado Marco Aurélio Antonino?”, *Cadmo* 17 187-228.
- F. Gnechchi (1912), *I medaglioni romani*. 3 vol. Milano.
- P. Gros (1986), “Une hypothèse sur les *plateae Antoninianae* du Palatin”, *MEFRA* 98 255-263.
- Jr. C. W. Hedrick (2000), *History and silence. Purge and rehabilitation of memory in late Antiquity*. Austin.
- R. Lanciani (1897), *Ruins and excavations of Ancient Rome*. London.
- G. Lugli (1924), *Monumenti Antichi di Roma e suburbio. 1. Zona Archeologica*. Roma.
- G. Lugli (1946), *Roma Antica*. Roma
- G. Lugli (1960), *Mons Palatinus. Fontes ad topographiam veteris urbis Romae pertinentes. Regio X*. Roma, 199, n° 440.
- T. Mommsen, ed. (1893), *Inscriptiones Latinae Christianae ad C. Caesaris mortem*. Pars prior. Berlin, 254-279.
- E. Nash (1968), *Pictorial Dictionary of Ancient Rome*. 2 vol. New York / Washington, 537-541.
- S. B. Platner, T. Ashby (1929), *A Topographical Dictionary of Ancient Rome*. London.
- H. G. Ramsay (1935; 1936), “A third century a.C. building program”, *AC* 4 419-447; 5 147-176.
- L. Richardson (1992), *A New Topographical Dictionary of Ancient Rome*. Baltimore,

London.

- E. Rodriguez-Almeida (1981), *Forma Urbis Marmorea: aggiornamento generale 1980*. Roma.
- F. P. Rosati (1955), “Osservazioni sui tipi monetali romani raffiguranti monumenti di Roma”, *Rivista italiana di numismatica e scienze affini* 57 70-83.
- M. Royo (1999), *Domus Imperatoriae. Topographie, formation et imaginaire des palais impériaux au Palatin (IIe s. av. J.-C. - fin Ier s. apr. J.-C.)*. Rome.
- M. Royo (2001/4), “Le Palatin entre le IIe et le VIe siècle apr. J.-C.: évolution topographique”, *Revue archéologique* 31 37-92.
- E. de Ruggiero ed. (1895-1985), *Dizionario epigrafico di Antichità Romane*. 4 vol. Roma.
- M. R. Salzman (1991), *On Roman Time: The Codex-Calendar of 354 and the Rhythms of Urban Life in Late Antiquity*. Berkeley.
- R. Turcan (1985), *Heliogabale et le sacre du soleil*. Paris.